

## Simone de Beauvoir para além da França: Como o livro “O Segundo Sexo” influenciou diversas gerações em diferentes locais do Mundo?

Ana Carolina de Montmorency Pestana Varizo<sup>1</sup>, UNIRIO

### Resumo

Simone de Beauvoir foi autora de um dos primeiros livros questionando o papel feminino construído pela sociedade, levantando neste uma série de questões e influenciando fortemente o pensamento da época. Tendo isso em vista, o presente artigo pretende abordar como, apesar de ser muito criticada pelas gerações seguintes, a figura de Simone de Beauvoir se mantém presente no imaginário das mulheres feministas durante todas as ondas do movimento, de 1949 até o momento. Utilizando o livro “O Segundo Sexo” para apresentar a perspectiva da autora em ênfase e outras fontes como documentários, filmes e livros de outras autoras, buscarei demonstrar a influência do estudo da autora e sua contribuição ao redor do mundo.

**Palavras chave:** Simone de Beauvoir; feminismo; patriarcado.

### Abstract

Simone de Beauvoir was the writer of one of the first books which questioned the feminine role created by society, raising on that lots of questions about feminism and strong influencing thoughts about it at her time. Keeping this in mind, the present article is going to approach how, besides the critics she acquired of the following generations, the portrayal of Simone de Beauvoir stays present in the feminists' foresight on every surge of the movement so far. Using the book “The Second Sex” for the present perspective of the author and others references as documentaries; movies and books from another author, pointing how her studies influenced and contributed around the world.

**Key-words:** Simone de Beauvoir; feminism; patriarchy.

Nos dias de hoje, há um senso comum de que é impraticável falar de feminismo sem mencionar Simone de Beauvoir. Escritora, filósofa, ativista política, teórica social, essa mulher nos contribuiu em diversas áreas do conhecimento, principalmente para os estudos de gênero. Pioneira nas pesquisas sobre tal área é considerada por muitas autoras e ativistas como a “avó” da segunda onda do movimento feminista devido à influência de seu livro “O Segundo Sexo”, que se tornou uma espécie de bíblia feminista.<sup>2</sup> Sendo assim, meu objetivo neste artigo é falar

<sup>1</sup> Graduanda da Escola de História/UNIRIO, orientada pela Professora Doutora Claudia Regina Andrade dos Santos, e-mail: acvarizo@gmail.com

<sup>2</sup> O número de vendas do primeiro livro de “O Segundo Sexo” em sua primeira semana foi de 22 mil exemplares. Os trechos deste, antes publicados na revista “Les Temps Modernes” fizeram a revista bater recordes de venda. CHAPERON, Sylvie. “Auê sobre O Segundo Sexo”. Cadernos Pagu. Edição nº 12. 1999: p.37-53.

sobre as repercussões ocasionadas por tal livro para além de seu país e época, uma vez que Beauvoir iniciou uma corrente de questionamento sobre construção e identidades de gênero, se tornando base para muitas pesquisas que seguiam ou até mesmo divergiam do seu pensamento, a criticando.

Para explicar a influência de Simone de Beauvoir nos movimentos feministas internacionais precisamos entender o que foram esses movimentos e como foram constituídos. Segundo as autoras como Elizabete Rodrigues e Milena Santos de Jesus, o movimento feminista é dividido em ondas<sup>3</sup>: A Primeira Onda se iniciou no final do século XIX e se estendeu até a década de 1920, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Nesta época o intenso ativismo era em busca da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Entre eles, reivindicaram por direitos políticos, como por exemplo, o direito de voto; pelo fim de casamentos arranjados; pelo direito de possuírem propriedades sem diferenças contratuais; pelo livre direito de escolha e pelo direito sobre o próprio corpo. Sendo assim, o foco nessa primeira onda foi à busca por direitos sobre o próprio corpo, respeitando seus sentimentos e vontades.

Já a Segunda Onda do Movimento Feminista se deu dos anos 1960 a 1980, quando foi possível identificar uma grande quantidade de manifestações por direitos e mudanças na sociedade ao longo de toda Europa e de todo continente americano. Enquanto na Primeira Onda o foco era a reivindicação de direitos, na Segunda Onda a luta por direitos continuava, porém neste período exigiam uma mudança na sociedade, uma vez que entendiam que a desigualdade existente entre homens e mulheres, tanto no campo político e econômico como no doméstico, era resultado da estrutura sexista social vigente, construída e perpetuada pela mesma. Além disso, a segunda onda passou a criticar a ideia de que as mulheres só teriam satisfação no ambiente doméstico, principalmente quando durante a segunda guerra mundial, e após esta, muitas mulheres se lançaram no mercado de trabalho. Assim, as feministas buscavam combater a discriminação presente nos ambientes de trabalho, como diferença de salário e proibição para certos cargos e empregos, exigindo completa igualdade de gênero.

Foi nesse mesmo período que, segundo a autora Bell Hooks, foi introduzido o Estudo de Mulheres nas universidades. Anteriormente, este era aprendido em grupos que se reuniam para debater questões sexistas e formas de desafiar o patriarcado e começaram a tecer o que chamamos hoje de “teoria feminista”<sup>4</sup>. Segundo Hooks,

---

<sup>3</sup> Trabalho com este conceito aqui, porém deixo claro que há estudiosos de gênero e de estudos feministas que divergem desse conceito de ondas feministas.

<sup>4</sup> Nessa parte de seu livro “O feminismo é para todo mundo”, a autora tece uma crítica sobre o Estudo de Mulheres ter saído dos grupos e ter sido inserido no ambiente acadêmico, afirmando que o movimento deixou de ser

A institucionalização dos Estudos de Mulheres ajudou a espalhar a notícia sobre o feminismo. Ofereceu um local legítimo para conversas ao proporcionar um grupo contínuo formado por mentes abertas. Estudantes que frequentavam aulas de Estudos de Mulheres estavam lá para aprender. Queriam saber sobre o pensamento feminista. E foi nessas aulas que muitas de nós acordamos politicamente (HOOKS, 2018, p. 19).

Desta forma, as mulheres que ingressavam no ensino superior daquela época foram sendo introduzidas ao universo feminista e isso contribuiu para o aumento do questionamento e crítica ao patriarcado e para o crescimento do movimento, assim como suas ramificações.

A Terceira Onda se inicia nos anos 1990, novamente em peso na Europa e por todo o continente americano. Esta vem como complemento das últimas duas, mas tecendo críticas a estas também. Uma das críticas feitas pela autora Bell Hooks é que o movimento só abrangia a experiência de mulheres brancas de classe média-alta, não atendendo a demanda de mulheres de outras raças e classes. As mulheres brancas, com ênfase nas norte-americanas, se auto proclamavam líderes do movimento, deixando a questão racial, que tentava ser colocada em pauta desde a segunda onda, por exemplo, de lado. Esta Onda foi marcada diversos questionamentos internos, florescimento de novas ideias e conceitos e redefinição de estratégias.

Assim, é possível entender que o feminismo é um discurso de caráter intelectual, filosófico e político que busca romper os padrões tradicionais e acabar com a opressão sofrida pelas mulheres em diversas sociedades. Portanto, ser feminista é lutar por tudo que foi citado acima para “o momento em que toda garotinha nascer tenha uma oportunidade igual a dos seus irmãos” (GAVRON, 2015).

Simone de Beauvoir entra como grande influência na Segunda Onda do movimento e suas obras são debatidas até hoje. Para falar de suas obras, é necessário entender a trajetória de vida da autora para entender como chegou ao existencialismo filosófico, por exemplo, que teve muita influência no seu modo de viver e pensar.

Simone de Beauvoir nasceu em Paris no ano de 1908, sua família era descendente de aristocratas, seu pai era ateu e sua mãe uma católica extremamente devota. Ela aprendeu a ler cedo, com 3 anos de idade, quando decidiu que queria ser freira. Após a família sofrer com problemas financeiros, ter de se mudar para uma série de apartamentos sórdidos e seguir a regra do desperdício zero, Simone passou a ser completamente abnegada, gerando ao longo de sua vida o desprezo pelo materialismo. Aos 14 anos voltou-se para o ateísmo, convicção esta que a

---

difundido para todos, se mantendo restrito ao ambiente acadêmico e causando enfraquecimento na identificação com a causa.

fez se interessar pela filosofia e, posteriormente, se tornar a professora de filosofia mais jovem da França. Além disso, ainda jovem se envolveu com Jean-Paul Sartre, seu parceiro de vida e trabalho, porém estes jamais se casaram, uma vez que Simone era contra a instituição do matrimônio. Segundo ela, “a burguesia inventou nestes últimos anos um estilo épico: a rotina assume o aspecto de aventura, a fidelidade, de uma loucura sublime, o tédio torna-se sabedoria e os ódios familiares são a forma mais profunda de amor.” (BEAUVOIR, 1967, p. 233-234).

Simone obteve certo sucesso com o romance “A convidada” e seus artigos sobre ética existencialista, porém foi com o “Segundo Sexo”, considerada por muitos sua obra-prima, que ela disparou para a fama. O impacto deste livro foi extraordinário, tendo várias edições e transformando a autora na referência do feminismo do século XX. Tudo isso porque não havia chegado até aquele nível de visibilidade alguém que tenha falado da opressão sofrida pelas mulheres ao longo da História; da necessidade do homem ser sempre o sujeito da ação e a mulher ser o outro, o ser passivo colocado em segundo plano, sempre inferior e incompreendido. Ela afirma que as mulheres são tratadas dessa forma devido a atitudes sociais e culturais presentes nas diversas sociedades existentes e não devido às características inatas de inferioridade. Ao se depararem com as afirmações feitas por Beauvoir e suas críticas a sociedade, muitas mulheres, de diversas localidades, se identificaram com o discurso e estavam cansadas de serem marginalizadas, colocadas em segundo plano. Isso alimentou, assim, as bases ideológicas do movimento.

Em seu livro “O Segundo Sexo”, ela afirma “Não se nasce mulher, torna-se mulher” e explica, a partir do existencialismo, a construção social do ser mulher. Isso impacta fortemente na Europa e nas Américas, uma vez que os jovens estavam cada vez mais se movimentando em busca de direitos civis, principalmente os direitos das mulheres, que começaram a ser reivindicados na primeira onda. A autora que até então não se considerava feminista, após uma autocrítica, declara que a luta dos sexos deve caminhar lado a lado com a luta de classes, sendo estas travadas ao mesmo tempo, apoiando assim o movimento, porém não se envolvendo e nem se declarando feminista. Ela acreditava ser uma intelectual, ligada a Sartre e ao projeto editorial da revista *Les Temps Modernes*, e também afirmava que apesar de seu livro ser o ponto de partida de muitos movimentos feministas ao redor do globo, sendo muito útil às militantes, este não era um livro militante e sim, uma reflexão sobre a situação das mulheres presentes na sociedade (MORAES, 2015, p. 130). A partir dessa declaração, é possível enxergar o grande objetivo da Segunda Onda do Movimento Feminista, onde a autora teve grande influência, é a busca por direitos sobre si.

A partir da leitura do artigo da Maria Lygia Quartim de Moraes é possível falar do caso do movimento feminismo brasileiro e do movimento feminista francês, como um influenciou o outro e como a autora e filósofa teve uma grande influência nos dois. Ambos se encontram presentes na Segunda Onda do movimento que teve como marco os movimentos estudantis globais em 1968 e as questões que este levantou para o futuro de diversas sociedades. A juventude estava politizada, unida contra o imperialismo norte-americano, às burocracias dos partidos comunistas, aos graves erros políticos do socialismo soviético, aos valores burgueses e conservadores da época e defendiam os direitos civis de mulheres e negros. É possível observar que estes eram em sua maioria vítimas da repressão político-militar das ditaduras na América Latina, como foi o caso dos brasileiros que buscaram exílio ou fazer pós-graduação em outros países, como por exemplo, a França.

A França foi a escolha de muitos exilados e dos estudantes, uma vez que na época o Partido Comunista Francês era uma organização respeitada e extremamente atuante na luta por direitos. Se tornando assim, o epicentro político da época e reforçando a aliança entre a esquerda francesa e os militantes políticos. Foi no exílio que muitos criaram família e onde se exaltou mais ainda a contradição de gênero. A partir da formação dessas famílias, se observou que as queixas das ex-guerrilheiras não eram tão diferentes do comum das mulheres, principalmente ao se tratar de tarefas do lar e com os filhos. Foi com a esquerda francesa no auge com sua luta por direitos, entre eles abraçaram a causa feminista, que a França se tornou o centro irradiador do feminismo europeu.

Foi nesta França, que o livro “O segundo sexo” fez sucesso e que colocou Simone de Beauvoir sob as luzes do holofote da fama. As brasileiras, que se encantaram com a autora e filósofa francesa, quando voltaram para o Brasil a partir da lei da anistia buscaram se articular e criar revistas e jornais, entre eles o *Nós Mulheres*, para difundir tais pensamentos, tendo como referência o marxismo, que foi também serviu de referência para Simone, e se utilizando da bíblia feminista, como ficou conhecido “O Segundo Sexo”, para conscientizar as mulheres de sua luta, as chamando para brigar por seu direito lado a lado. Assim, se o movimento feminista brasileiro surgiu por influência do movimento feminista francês e a grandes produções textuais, entre elas, o livro citado acima.

Outro ponto onde é possível observar a influência de Simone de Beauvoir além da França é o documentário “Feminists: what were they thinking?”. Produzido pelo Netflix e dirigido por Johanna Demetrakas em 2018, O documentário tem como objetivo mostrar a partir de fotografias e entrevistas com mulheres famosas em diversas áreas, estudiosas da área de

gênero, ativistas do feminismo atuais e ativistas do movimento feminista dos anos 1970, demonstrar como o despertar do feminismo em cada uma mudou a sua postura de se colocar para o mundo, naquela época e agora.

Segundo declarações presentes no documentário, se sentia na atmosfera americana que este era o momento em que pessoas de diversos países se uniam para protestar pela causa das mulheres. Sob o exemplo de muitas mulheres fortes e, na maioria dos casos, próximas às entrevistadas, estas mulheres após terem acesso ao feminismo se tornaram diferentes tanto no pensar quanto no agir. A maioria ao citar autoras de influência toca no nome de Simone de Beauvoir e seu livro, além da influência clara de suas mães e amigas. As mais antigas foram às reuniões nos anos 1970, como Bell Hooks nos situa em seu livro “O feminismo é pra todo mundo” (2018), sendo seu primeiro contato com o feminismo, e onde os ideais do feminismo eram difundidos e questões eram trazidas.

Vale ressaltar que neste documentário mostra a História de mulheres como Judy Chicago e Miriam Schapiro, que criaram em 1972 a “Woman’s house”, juntamente com o programa de arte feminista da Cal Arts, onde a partir de diversas formas de artes, todas criadas por mulheres, onde apresentavam seu ponto de vista sem tentar se encaixar nos padrões da época, que eram os masculinos. Elas queriam fazer arte como uma mulher e não fazer arte “como um homem” para ter sucesso. Após o fim da exposição “Woman’s house”, as mesmas mulheres buscaram criar uma instituição onde estas e outras mulheres pudessem ser livres para ser e para criar, para serem e se sentirem fortes, poderosas e competentes; criar um lugar para passar a cultura feminista, nasceu assim o Woman’s Building em Los Angeles, Califórnia.

Um fato observado, tanto nos textos que me baseei para escrever quanto no documento, é o de que o feminismo durante a primeira e segunda onda buscava atender os interesses das mulheres brancas de classe média-alta, excluindo assim mulheres de outras etnias e classes presentes na Europa e nas Américas. Como foi bem levantado pela professora Funmilola Fagbamila e pela ativista e radialista Margaret Prescod no documentário citado, as mulheres negras e suas pautas foram negligenciadas diversas vezes pelo movimento. Estas não podiam falar de questões de gênero dentro do movimento negro e não podiam falar das questões da sua raça no movimento feminista, logo se encontravam sem qualquer tipo de representação efetiva. Mesmo após a Terceira Onda do movimento feminista, este problema se mantém presente até hoje, pois mesmo com as pautas crescente dos movimentos feministas de cada país, não abrange todas as singularidades da pauta de cada raça/etnia/classe ainda.

Em 2019, 70 anos após a publicação da 1ª edição do “Segundo Sexo”, encontramos uma situação peculiar no Brasil. Nas eleições de 2018 para presidente, o candidato Jair Messias Bolsonaro foi eleito, deixando explícito que o eleitorado brasileiro médio era claramente conservador. Tomando posse em 1 de janeiro de 2019, o então presidente apresentou seus respectivos ministros para as áreas do ministério de seu governo. Chamarei atenção para a atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves. A digníssima ministra deveria, supostamente, defender os interesses das mulheres e minorias visando garantir os atuais direitos e mais ações do governo para maior atuação na proteção física e jurídica dos mesmos. Porém, desde o início do governo Bolsonaro, tal ministra fez declarações obtusas e que causaram bastante polêmica.<sup>5</sup>

A primeira polêmica, divulgada em muitos jornais, entre eles o Jornal O Globo, no dia 3 de janeiro de 2019, foi a declaração da ministra em sua posse no dia anterior do cargo dizendo “É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa.” (O GLOBO, 03/01/2019). Tanto a mídia quanto diversos educadores, psicológicos, membros da comunidade LGBTI se pronunciaram contra essa declaração uma vez que ela soa como uma determinação que vai contra a liberdade individual e o direito de autodeterminação. Ao se retratar a ministra disse que não importa a cor que a criança use, mas que “menino é menino e menina é menina” (O GLOBO, 03/01/2019). Com essa declaração antifeministas, a questão aqui apresentada é simples: o que é ser menino e o que é ser menina? Como uma cor, algo tão pequeno, pode ser tão relevante para a construção da identidade de gênero?

Simone de Beauvoir, em sua introdução nos diz que

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo. "A mulher, o ser relativo...", diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em Rapport d'Uriel: "O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem". Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para êle, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Dessa forma, é possível entender, de acordo com a autora, que ser mulher não é ser essencialmente feminina, mas sim ser o Outro, ser a oposição do ser masculino, até então ser

---

<sup>5</sup> Declaração presente no vídeo < <https://globoplay.globo.com/v/7275217/> >

alguém negado de direitos, vontades e pensamentos, era alguém inferior. Em seu livro, Beauvoir argumenta que esse lugar inferior da mulher, na sociedade em geral, foi fortemente construído e embasado nas ciências em geral, principalmente na biologia. O argumento dos antifeministas até hoje está ligado à questões fisiológicas, como por exemplo, tal menina não pode praticar luta, pois não é um esporte feminino uma vez que o corpo feminino não foi feito para a luta, mas sim para a dança, algo mais delicado, e se a menina se nega duvidam de sua feminilidade. Logo, Beauvoir nos mostra que o conceito mulher é uma construção social de diversas camadas seguidas de variados argumentos e práticas empilhados durante anos.

A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento (BEAUVOIR, 1970, p. 25).

Para Beauvoir, a formação da mulher é um longo caminho com diversos processos de aprendizagem que nos fazem apreender as diferenças socialmente criadas entre machos e fêmeas.

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Joan Scott, estudiosa contemporânea das teorias de gênero, vai além dos argumentos de Beauvoir, defendendo que é preciso rejeitar o caráter fixo e de oposição binária existente, isto é, deve-se desapegar da visão feminino-masculino, com relação a construção da identidade de gênero. A autora defende que é necessário uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos de diferença sexual para uma boa análise. Para ela, deve se tratar o sujeito individual tanto quanto o sistema social e os "campos de força" em que este esteja inserido, os articulando para, assim, compreender como funciona o gênero. Em sua visão, o gênero possui duas partes

e diversas sub-partes que são ligadas entre si, porém são analiticamente distintas. Dessa forma, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas historicamente entre os sexos, não especializando a diferença física, mas afirmando essa diferença de percepções diferentes a partir da cultura. Sendo este também a primeira forma de significar relações de poder.

Assim, desde crianças, nós meninas, somos levadas para furar as orelhas, somos colocadas em vestidos para nos acostumarmos desde cedo com algo castrando os nossos movimentos, somos ensinadas a ser meninas. Devemos ser delicadas, gentis e nossas roupas deveriam demonstrar isso, assim, entram as distinções de cores no imaginário humano e que vieram a ser citadas na fala da ministra Damares Alves.

Novamente fazendo referência ao artigo “Gênero - uma categoria útil para a análise histórica” (SCOTT, 1990, p. 21), todas as ações e rituais acima citados são agentes da legitimação de gênero, funcionando de diversas maneiras, entre elas a explícita diferenciação sexual, para garantir poder. Ou seja, se legitima determinados gêneros e os diferencia colocando em oposição para garantir controle e dominação de um sobre o outro, na maioria dos casos entre o gênero masculino sobre o feminino.

Logo, é possível ver que mesmo sem ser uma militante feminista, Simone de Beauvoir e seus pensamentos presentes principalmente no livro “O Segundo Sexo” não nutriu apenas o movimento feminista, mas também contribuiu para uma pesquisa mais aprofundada naquilo que os estudiosos chamam de “Teoria de Gênero”. Afinal, ao declarar que “Não se nasce mulher, mas torna-se mulher”, a autora, acredito eu que propositalmente, buscou incitar o pensamento sobre a construção social dos gêneros, discussão iniciada na metade do século XX e que dura até o momento.

### **Bibliografia:**

BARCELA, Laura; LOPES, Fernanda. **Lute como uma garota: 60 feministas que mudaram o Mundo**. São Paulo: Cultrix, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – A experiência vivida**. 2ª edição. Editora Difusão Europeia dos Livros, São Paulo, 1967.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo – Fatos e Mitos**. 4ª edição. Editora Difusão Europeia dos Livros, São Paulo, 1970.

CHAPERON, Sylvie. “**Auê sobre O Segundo Sexo**”. Cadernos Pagu. Edição nº 12, 1999.

De JESUS, Milena Santos. A Abordagem conferida ao sexo e ao gênero nas distintas ondas feministas. **Revista Café com Sociologia**, v.3, n.3,2014.

HOOKS, Bell. **O feminismo para todo mundo**. Rosa dos Ventos: Rio de Janeiro. 2018

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **O Feminismo Político do Século XX**. Blog da BoiTempo, 2015.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, N.1, P.77-98, 2005.

Da SILVA, Elizabete Rodrigues. Feminista Radical – **Pensamento e Movimento**. v.2.n.3, Revista Travessias, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos. **Educação e Realidade**, v.16, n.2,1990. p.5-22.

Filmografia:

DEMETRAKAS, Johanna. “**Feminists, what were they thinking?**” Netflix, 2018.

GAVRON, Sarah. “**As Sufragistas**”. Pathé. 2015.

**Sites:**

Declaração da Ministra Damares Alves sobre cores de roupa de meninos e de meninas provoca polêmica. Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 2019. Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/7275217/> > Acesso em: 30 de agosto de 2019

